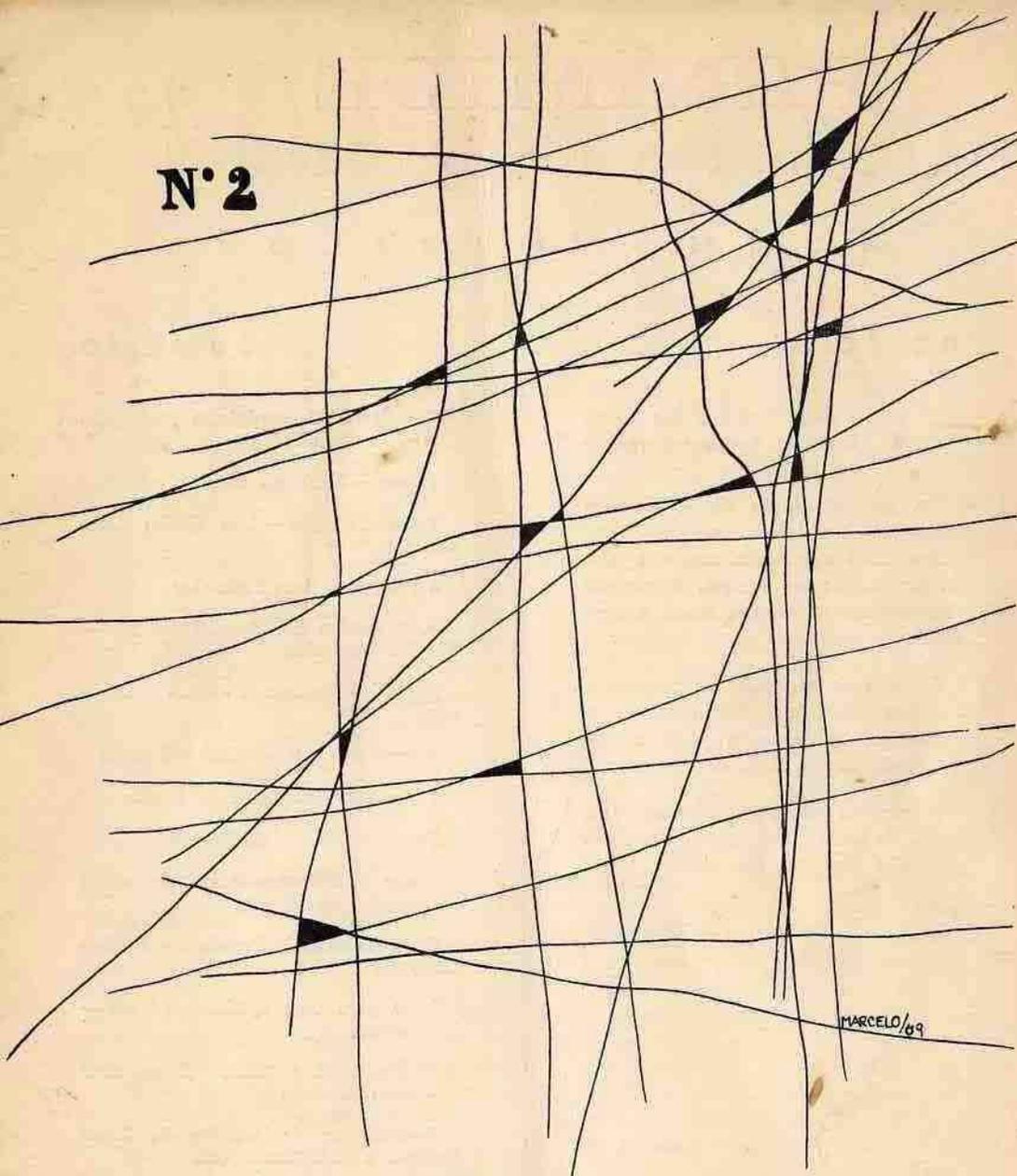


N° 2



MARCELO/89

PIRAMIDE
antologia

PIRÂMIDE

antologia

N.º 2

J U N H O ★ M I L 9 5 9

notícia

a quem inquiriu das nossas intenções, fazemos saber que:

Da impossibilidade de se dizerem meia-dúzia de coisas, com seriedade, desassombro e grandeza, nasceu a falta de provimento de lugares, claramente documentada na miséria moral e espiritual das criaturas.

À porta da sociedade, encontra-se a bandeira vermelha do leilão. Lá dentro os banqueiros levam à praça a alta dignidade do ser humano.

A presente Antologia agirá, supomos mercê da sua colaboração, contra a depreciação dos primários valores.

PIRÂMIDE

sumário

Causas do Determinismo Antropológico — **Máximo Lisboa;**

Poema — **Herberto Helder;**

Poema-Colagem — **José Carlos Gonzalez;**

4 Poemas — **Sena Camacho;**

A Propósito do «Movimento 57» — **Virgílio Martinho;**

Sibila — **António Pinheiro Guimarães;**

Poema-Colagem — **Carlos Loures;**

3 Poemas — **Salomé da Gama;**

Poema — **Muñoz de Castro;**

Quase 3 Discursos Quase Veementes — **António José, Lisboa;**

Carta ao «Diário Popular» — **Ernesto Sampaio;**

Letra para uma Música em Voga — **José Sebag;**

A Pirâmide & a Crítica (Extra-texto) — **Luiz Pacheco;**

Reproduções de **Amadeo de Sousa Cardoso** e de **D'Assumpção.**

cadernos de publicação não periódica organizados por

carlos loures, máximo lisboa e sena camacho

capa e direcção gráfica de

marcelo de souza

Causas do determinismo antropológico

É às palavras-actos, não às palavras que supõem actos, que me dirijo.

António Maria Lisboa

A tentação literatizante é a mais absurda de todas as misérias espirituais.

Ernesto Sampaio

De facto, há razões para corarmos e nos envergonharmos, quando a nós, não libertos nem da «lei da vida», nem da «lei da morte», enterrados e bem enterrados nesta tremenda mentira que é a literatura, tal como se pratica, respeitavelmente, à nossa volta, se nos depara o exemplo de um Rimbaud, de um Lautréamont, de um António Maria Lisboa.

João Gaspar Simões

Para a história dos grandes acontecimentos nacionais (poéticos, na ocorrência) põr-se-ão ao dispôr as três presentes citações e não será desta vez ainda — sabêmo-lo — que se dará a tal demissão, repetidamente exigida, de muitas personalidades, que à volta da literatura andam, e dela vivem, sem que, todavia, lhe pertençam.

Mas não nos esqueceremos de registar aqui, a alguma intranquilidade — já de si notável, e que virá a dar os seus frutos — de muitas boas e sãs cabeças literárias, abandonadas há muito ao remanso dum lirismo — provocação.

Temos, para consumo, os nacionais poetas da grande metafísica. A metafísica do homem português, que jamais poderá ser processada, senão «respeitavelmente», dentro dos usos, costumes e tradições do nosso povo.

Temos os poetas, *depois do emprego e sem compromisso*, a que pertencem grande número das classes mais prósperas da nação: advogados, jornalistas, empregados comerciais, professores e outros. Como também não é raro ver aparecer na Poesia, *a tentar a sorte*, um ou outro sujeito, de coroa na cabeça e reivindicações nos tornozelos.

Toda esta já enorme confusão poderia ser aumentada se nós quiséssemos. Também aqui teria lugar a cátedra e a não-cátedra mas também retórica. Cite-se para não perder o fio, aqueles que ensinam as pessoas a redescobrir as «ovelhinhas», e os riachos com rãs, e as rãs sem riachos.

Boa parte da Crítica, entretanto, aplaude e favorece o jogo, trabalhando obstinadamente para que os Persas entrem e conquistem Bizâncio.

Poderiam aventar-se as profundas raízes de que resultaram estas dolorosas consequências. Mas também isso, ou isso mesmo, é que não interessa. Temos apenas que lutar com o nosso *hoje*, nauseabundo e cansativo, alternadamente.

Mas o que precisamente é notável — retomando a linguagem anterior — é que nem este buraco, perigoso e trágico, que é a Poesia, de facto, consegue a invulnerabilidade. Há os lugares de Estado, os lagares do Grémio, e tantas outras coisas... Pois apesar disso, ainda *ser poeta*. Poesia, pois. E muitas edições! Na montra, nos jornais, nos amigos, na família. E além do mais a vitoriosa *consagração* nas Antologias, quando afinal *se teve sorte e se fez carreira*.

O profundo equívoco subsiste, portanto, para lá das camadas intelectuais, repercutin-

do-se mais violentamente na massa do público leitor, que não podendo fazer outra coisa, compra, aceita, e açarinha, as mediocridades da realidade portuguesa, literária.

Entretanto esta *realidade*, por mais estranho e paradoxal que pareça, toca clarinete e saxofone, conforme o tempo mais propício, dança na corda, às vezes, utiliza negros de tanga, bebe para esquecer, e frequenta a prostituição.

Não será pois de estranhar o desnorteamento literal em que o público caiu, acabando por se dividir; e, tomando a audiência de propôr opinião, defender ou atacar personalidades e Sistemas de Experiência, de que jamais teve uma noção aproximada.

E ainda, através daquela *realidade*, quantas outras ameaças de cretinos, se poderão vislumbrar para nosso gozo e desfastio? Somos solicitados frequentemente por conferencistas, a pedirem-nos ajuda para a fundação do Quinto Império, para a entronização da Estupidez, para o endeusamento absoluto da Divindade.

Aterrados, assistimos primeiro, à vitoriosa tomada da grande Imprensa, depois ao desbobinar de órgão e orgãozinhos, de grupos e grupelhos, todos e cada um, oferecendo a Salvação ao homem. Também estes têm a sua parte de culpas. São barreiras a impedir uma circulação necessária.

Quando houvermos de derramar luz sobre o nosso passado, não nos podemos esquecer de historiar peças tão raras, como essas que constituem os integralismos do monarquismo-imbecil, e a desonestidade dos democraçionismos-fantoches, mais ou menos responsáveis pela formação dos nossos intelectuais de Idade Média. Este indecoro nas letras portuguesas, é provocado pelo desconhecimento das primeiras letras, pelo analfabetismo. Quere-se dizer, estamos em presença desta extraordinária anomalia: o comum dos poetas, ignora a realidade essencial da poesia. Consequências: em 1959 temos continuadores de Camões, Bocage, Marquesa de Alorna, Gil Vicente, Frei Tomás da Anunciação, Vasco da Gama, Guerra Junqueiro, D. Pedro IV, Almeida Garret, Pedro Álvares Cabral e Eça de Queirós.

Isto justifica o abismo existente entre a

poética escrita e a poética quotidiana, que ninguém vê. *Referimo-nos a poemas de revolta, que subentendem actos de docilidade.*

Sobre isto mais uma vez se acusa: escrever poemas não é o fundamental do poeta! Escrever é apenas um ramo em flor, da sua maravilhosa e terrífica Aventura. Só se é efectivamente poeta, quando a viagem de circumnavegação já começou. A poesia pratica-se heróicamente, e é na Rebelião que se encontram as determinantes máximas da existência do poeta, na qual as mais profundas reivindicações, se processam no próprio corpo.

E já que aqui chegámos, ultimemos estas considerações, passando a outro estádio, ao da Grande Batalha, que é preciso travar diariamente. Citando uma figura conhecida, já Régio (o poeta das multidões) a tinha exposto: «Não sei por onde vou / Não sei para onde vou / Sei que não vou por aí!», com a fúria lúcida dos grandes momentos. Poucos, muito poucos, sabem gritar assim. Poucos, muito poucos, sabem quanto isto custa. É uma acção de terrorismo sobre o próprio corpo, de esmagamento da cabeça, de escarpelação. Sempre na iminência da derrota, nos socalcos pérfidos da natureza, erguemos a cabeça com raiva, com dor, com sangue, com ódio! — Eis o nosso próprio dilema.

Contra nós temos tudo, já que estamos no pior dos cães. A tentar indispor-nos temos o peso e a força dos «centauros», defendendo sempre, sempre, e só, os valores das conquistas do século XVI, num esforço para se pôrem de acordo com a opressão que sobre nós exercem as classes que hoje, cada vez mais, reclamam para si as homenagens da Poesia. E também a estes se deve dizer: A Poesia jamais aceitará outro jugo que não seja o da Poesia!

E nisto se termina: contra os poetas do não-ser, contra os bucolistas, contra os realistas e até contra os surrealistas, militaremos sempre na necessidade física de acabar com a Intriga.

—É preciso queimar a poesia!

—É preciso velar o Sacrifício!

Máximo Lisboa

P O E M A

Fecundo mês da oferta onde a invenção ilumina
a harpa, e a loucura desperta a pura espada
em pleno sangue; ó vasto,
amargo e límpido mês interior onde a graça
se toca do fogo e o corpo se torna o casto
e longo varão de música; escada de seiva
entre arbustos de estrelas
e cubos de sal perpétuamente ardendo.
— Por ti, mês feliz de confusão e génio,
eu levanto minha húmida boca
até ao anjo e ao vinho, levanto
minha obscura pedra por vias de tormento
e instinto até
ao barro vermelho do céu, ao espasmo
violento e sagrado das palavras.

Mês por onde subo fundamente agitado
em meu coração de argila, em minhas veias
de pequena infância espantada e grata;
e por onde, subindo, me incendeio e consumo,
e purifico as mãos espessas
de operário e macho.
— Entanto, mês delicado para uma corola
de núbem, para um vivo transporte
de verde ternura entre mamas e coxas femininas.
E entre a areia e a lama se descobre
a ideia, se perde a memória, se possui
uma estreita palavra virgem e extrema como
um bago de veneno, um cálice
de morte.

Arde, mesa. Arde, instrumento de profunda
música. Arde, vinho. Carne,
ave, grande mar, grande estátua fria,
grande sorriso desfeito na face da solidão.
Mês de onde nascem os bichos ébrios e a voz
das catedrais de resina e o flanco
terrível e doce das montanhas
e o amor irmão da morte e da alegria.
Mês do poema, substância de Deus servida
como ceia e primeira pedra no espaço
da minha angústia,
do meu encanto.
Suave mês do incesto, sujo tempo
da gelada pureza aonde a lua desce
suas raízes ferozes
e onde a morte anuncia seus primeiros sinais
de glória.

— E eu dormia. O sangue atravessava a noite
como cantando baixo, o instinto
envolvia o punhal e o fruto. Tecedeiras
deixavam mãos sobre a atenção, flores
começavam e esfriavam ao comprido das veias.
Mês, mês! Um beijo caía sobre o peito, e o coração
subia no beijo. Gastava-se em cinza, renascia,
vibrava no beijo puro da loucura.
— Pela terra adiante crescia o trigo insensato
e divino do canto, pela terra adiante
o perdão nascia das formas,
e por todas as coisas corria o sopro alucinado
e redentor
de um primeiro minuto de entre as mãos e a obra...

Maiο de 1957

Herberto Helder

UM POVO ESQUECIDO

ANCESTRAL

ENFRENTA UM **JACARÉ**

QUE SE ERGUEU NO ESPAÇO

DA

INÉRCIA E FALTA DE INTERESSE

APATIA E NEGLIGÊNCIA

DO **APARELHO** DE ALARME ELÉCTRICO

a única sobrevivente

PARA A DEFESA DO FILHO

sòzinho

APTA A DESEMPENHAR O PROGRAMA DUPLO

USANDO COMO ARMA

UM SIMPLES **MACHADO**

4 POEMAS

Se penso,
em quem sou me estranho;
Se fico,
há sempre um sonho
amarfanhado no espirito;
Se fujo,
há sempre uma razão
que me alcança sobre o abismo.
E assim se me consome a vontade,
inútilmente.



As flores esperam sem inquietação.
Os sexos expostos, as corolas túmidas.
E sopra o vento. E cai a chuva.
A inquietação está toda no coração do homem,
onde a alma tem o preço da tragédia.



Meu,
Só meu,
o fim certo que tenho.
O mais — pueril agitação
em torno de mim,
jogo de pensar
em que a vontade
se ilude
e, em si,
a razão se destrói —
não possuo.



Este desajustamento com a vida
que tenho creado à força de ser só,
à força de me embriagar de viver
a minha vida ausente;
esta doença de mim
que me torna a vontade estéril
para além de mim mesmo;
este ser o não eu não realidade,
não naturalidade,
mas reflexo congeminativo de mim;
este desencontro que o é afinal comigo
começa a enlouquecer-me.

regarde bien

chaque nuit

carlos loures

l'échec du demi-dieu
sur la route de la Lune

la sécurité est une
question de solidarité

Voilà ce que vous garantit
La chanson éternelle

mais surtout

Il est urgent

Le massacre des innocents

Télégramme de victoire :

Squelette entier trouvé





FAROL BRETÃO (estudo)

Amadeo de Sousa Cardoso

(Pertence à coleção da Galeria Dominguez Alvarez)

Sobre a literatura de alguns a propósito do «Movimento 57»

Há um processo quase sempre a propósito para se verificar da autenticidade dum movimento literário: são alguns anos de literatura. Quando este lapso de tempo tolera o seu múltiplo ou múltiplos e cria imitadores nas gerações seguintes, a autenticidade é evidente e a problemática contém o rigor adequado. Neste caso está o «Orfeu», neste caso não está a «Presença». Porque queremos tentar a profecia negamos longa vida actuante ao «Movimento 57». Rápidamente vamos explicar as afirmações enunciadas: o «Orfeu» perdurou porque nos deu uma revolução literária; a «Presença» morreu porque quis e impôs uma espécie de vida tipicamente psicológica; o «Movimento 57» extinguiu-se pois se apresenta essencialmente conservador e «catedrático». Posso daqui inferir que só com revolução, falo em termos de literatura bem entendido, existe afirmação e continuidade.

Creemos que o «Movimento 57» nasceu devido a uma presuntiva necessidade de nascer. Primeiro: pela esterilidade ambiente. Segundo: para obviar a essa esterilidade. Tese fundamental proposta: criar uma consciência de cultura nacional. Este compromisso de salvação é portanto filho duma ausência de valores interessadamente portugueses e demonstra que o é, pela crítica desaustinada que o seu órgão de propaganda tem praticado, e por uma sobrelevação desses e doutros valores, que têm sido ignorados ou muito simplesmente traídos. O «Movimento 57» impõe naturalmente os seus através dum exacerbado nacionalismo de tipo histórico, com uma erudição crítica, quase megalómana, para tudo que tem, de longe ou de perto, raiz estrangeira, pretendendo assim converter-se no reduto espiritual da lusitanidade. Como programa e ambição nota-se que pode estar muito bem, como filosofia e literatura nem sempre. A explicação do auto-de-fé não está, cremos, na fogueira, tampouco na vítima, mas na gravidade e nos trajes dos inquisidores. Esta gravidade pode ter o nome de Espírito quando o tema é a invenção do homem português, consciente da sua nacionalidade e do seu génio.

Compete-nos discordar de tal proposição, sabemos que a existência dum homem ou dum povo não é apenas uma operação literária, mas uma história

que já está escrita ou o vai ser por muitos vivos e alguns mortos. Nos laboratórios somente a formulação, a matemática e as intenções.

É ocioso dizer que o povo português já se inventou a si mesmo escolhendo o destino que lhe era próprio e possível. Coagi-lo, literariamente, para o reinventar, é o mesmo que substituí-lo, ou desviá-lo, do seu caminho exacto. Se o seu destino antigo foi glorioso e criador, o actual, afinal a verdadeira chave a decifrar, se não é brilhante nem activo, é por que os elementos em presença não se coadunam com as resultantes, tornando-se impossível uma reinvenção de matiz filosófico ou literário, por estes ramos de actividade, não poderem coexistir no vazio nacional, só por o ser capaz de gerar um «Movimento 57», com as características conservadoras que tem e demonstra. Bem entendido que o referido vazio é resultante duma ausência de liberdade, de epopeia e também de génio. Recuperar obrigatoriamente estes elementos, supondo-os existentes, é o mesmo que ser visionário sem visões.

Sabemos que a filosofia ou a literatura, que se processa baseada em conceitos de inexistência corre o risco de naufragar antes de se perceber como é. Este naufrágio tem propriedades de melodrama quando se propõe enquadrar o pensamento e a arte em moldes estrictamente étnicos, para assim conseguir uma pátria ou uma cultura dessa pátria, alegando, para estruturar a tese, origens especiais e sentimentos peculiares aos seus habitantes. Cremos que a necessidade de objectivar estes problemas é um sintoma de carência ou de inexistência, parábola que se pode ter para uso pessoal mas nunca para padrão de povos. E na hipótese dum deslumbramento acessível, elemento já de si lírico para doutrinadores e filósofos, o rigor da teoria tem a validade duma carta de amor, como disse o poeta, a do ridículo com a emoção desse ridículo.

Noutro género de planos, a invenção «57», torna-se um caminho fácil para aplaudir e sugerir emoções que geralmente servem de frontispício aos actos heróicos e às carnificinas purificantes, temas próprios de cavaleiros e gentis-homens, convenha-se, mas de resultados duvidosos sob o ponto de vista cultural. Entre nós a aventura desse heroísmo e dessa purificação tem o devido salvo-conduto, e é nesta medida que o erro fundamental da Navegação se entronca no auto-de-fé, embora a idade desta estratégia seja propecta e os seus participantes reliquias escolásticas. Ora se existe uma espécie de pátria em jogo, ou estão todas, ou não está nenhuma.

O «Movimento 57» considera ponto de honra a originalidade, da criação filosófica e literária. Existem imitadores portugueses assim como imitadores chineses, pensamos que o imitador não é capaz de o deixar de ser. Pelo enunciado queremos levantar o problema da existência dum processo português de escrever e pensar. Agora a nossa posição neste assunto: não somos pela imitação porque consideramos o imitador, em qualquer latitude do mundo, medíocre. Não somos por um isolacionismo cultural porque consideramos mais importante o homem do que as fronteiras que delimitam as viagens desse homem. Somos portanto pela

fusão perigosa das ideias e dos mitos. Por esta razão, e por causa da filosofia, afirmo: em matéria de pensamento e de força criacional, não há aldeia possível. O homem de exemplo, aquele que atingiu o máximo no conhecimento e na expressão, torna-se uma figura representativa universal, não obstante o condicionamento a que foi e está sujeito, pelas entidades que têm por ofício destruir os factores desequilibrantes e zelar pelo consumo pedagógico dos códigos em que assentam. Estas entidades percorrem uma escala que se situa entre o merceeiro e o professor catedrático. Quero dizer que a nacionalidade ou a tradição cultural dum povo têm a importância que ele descobre que tem. Esta descoberta é a matéria que o homem de exemplo fundiu e recriou, não exactamente para glória dos seus compatriotas, mas para atingir uma Verdade que ele sabe existente no reino mortificado dos humanos. Se uma elite ou uma plebe, quer assim ou não, quaisquer que sejam os fins em vista, o estrabismo é evidente e o mau cheiro acessível a todas as narinas. Este estrabismo existe tanto nos excomungados positivistas, nome genérico que o «57» usa e abusa dar a toda a gente que não lhe pertence, como neles próprios, os navegadores espiritualistas.

Apenas por causa desta navegação temos de insistir sobre o tema e dizer: é superficial a existência de mitos estritamente nacionais; é desvitalizante que o escritor se realize através duma temática regional; é contraproducente usar uma psicologia apenas relacionada com dados e feitos históricos. Seguem-se as explicações: o mito é um espaço entre o homem e o desejo dele de se libertar da morte, donde concluo que o magno problema é, não a resolução duma tipologia de carácter rático ou pátrio, mas uma cosmicidade a «vencer»; a literatura de carácter regional pode ser excessiva ou mingudadamente portuguesa, sendo assim, num caso ou noutro, nunca atingirá uma representação superior de tipos e de ideias. Fernão Lopes que é um cronista português, nada tem a ver com Eça de Queirós que é outro cronista francês, conforme alvitria o «Movimento 57», o segredo deste alvitre baseia-se no mistério das fórmulas e é, com todos os riscos evidentes, a cabala da Navegação, que é também, o histrionismo da caravela e a metafísica isolacional da onda, tributos facciosos que se têm de pagar para manter uma filosofia que quer ser e re-escrever uma história abusivamente esotérica; a psicologia dum povo não é elemento imutável nesse povo, está sujeita a estados históricos que a determinam; da adaptação constante dum psicologia sem variantes, para se provar um destino, por exemplo, «o português é um viajante nato», e construir através desse pressuposto uma metafísica imperial, até à veracidade ou à verdade duma realidade portuguesa antiga ou moderna, a distância é longa e tem as suas arestas cortantes.

O «Movimento 57», no seu sistema de invenção, agrega para si, a responsabilidade duma formação nacional, psicologicamente arbitrada, sem sujeições nem condicionamentos. Este estado ideal de permanecer tem a sua origem em factores de «alma que é», tese espiritualista que se prefere quando o «espírito da pátria vai decaindo». A pergunta nasce: «Que pátria ou que filosofia de pátria está a decair?» Em branco a resposta por causa da extensão e do perigo que

encerra. Noutro sentido, afinal o mais importante, é a maneira de preferir psicologicamente uma pátria que parece estéril na actualidade, sobrevalorizando a força que se criou nela em dado momento epopeico, para se explorar, séculos depois, uma alma existente, para fins doutrinários e pedagógicos. Este é o caso mais notório do «Movimento 57», sendo-o, o fantasmagórico, está presente e perfeito para se elaborar uma tese rática sem ser racista nas fórmulas, um império filosófico e literário, apenas porque se intui da ausência dum real eficiente que gere filosofia e literatura. É sintomático que a poesia seja a pedra mais importante deste movimento, embora imponha e apenas aproveite uma determinada maneira dela: aquela que canta abstrusamente a história, a montanha e o mar. Apesar desta preferência e desta poesia, avisamos, que para o Poeta e para a poesia do Poeta todo o cuidado é pouco, por ela ser a antítese, muitas vezes sem parecer, dos valores considerados tradicionais ou sagrados, e o seu mais cruel inimigo, por conter em si, o absoluto revolucionário dum Futuro quase sempre especialíssimo e perigoso. O Poeta é, por condição e lei, sempre outra coisa.

Convencidos de que a história não é para se recapitular e raramente para servir de exemplo, julgo que os artistas e os intelectuais não podem regressar aos mitos históricos, sem correrem o risco de se transformarem nos coveiros conscientes de si mesmo. A insistência nesse regresso define uma mórbida tendência para revestir fantasmas e dourar ídolos há muito ineficazes, define ainda uma espécie de ociosidade, aquela que ignora deliberadamente qual a grandeza ou a miséria em que se debate um homem ou um povo.

Neste sentido, o mais dramático de todos eles, a validade do desejo de cada um é apenas uma evidência para esclarecer, pois, se as intenções são sempre sublimes, não obstam que antes ou depois delas não surjam as pequenas ideias da infância ou as outras da maturidade, ambas provavelmente esquisitas quando tratam o destino das populações, com aquele à vontade característico do «Movimento 57», sem ao menos auscultar a actualidade dessas populações. Este esquecimento, se cai no vazio, por nada lhe dar «força actuante», tem a virtude de localizar os grandes e os pequenos labirintos que sempre equacionam os intelectuais, quando para consolo pessoal ou nacional se dedicam à defesa obsessiva do Espírito. Esta dedicação, se recorda deveres e levanta brilhantes problemáticas, gera também interpretações apressadas e situações ridículas, quando aos objectos em presença se exagera a sua importância ou o seu rigor. O melhor escritor, o melhor crítico, o melhor leitor, sabe, que a cultura portuguesa tem a importância que pode ter no conjunto universal. O «Movimento 57», pretendendo ignorar esta importância, substitue-a por outra, dando-lhe a forma e a substância adequadas. É a filosofia, ou a literatura, do milagre, para a efabulação do sexto império. Valendo-me de Fernando Pessoa, mas não exactamente, parece-me que depois da Índia, muitos portugueses retiraram-se para a província mas não ficaram lá.

SIBILA

Um grito surgiu na noite da Grécia Antiga

Não era um deus que gritava, era Ela.

Límpida como a água das fontes.

Pura como a terra.

O grito da Sibila

(O grito da mãe terra? Ou o grito

das mães da terra? Ou o grito

da tua ou da minha mãe?)

O deus nunca grita, faz gritar.

3 POEMAS

«Será o cantor do mar, de todos os mares,
parando em cada gesto a ordem das coisas».

Quando a nova vida que tu ressuscitaste
conhecer a profundidade dos seus mistérios
quando dela se projectar rectilíneo todo o dia possível

Nesse momento, tu então, verás que a língua que se fala
perde nos túmulos a riqueza de corpo inacabado e belo

Depois esperarás timidamente o trovador
que em dia sem luz, marchando por caminhos de poeira fria
trará no seu oculto sorriso o único planeta sem cidades

A todos os dias, a todos os dias,
a planta que fenece sem suspiros
ou o corpo que se debate em asfixia
lançarão a única maldição sem retorno
e a blasfémia sem atitude

— Por devir conheci o seu trono —

Sem desespero — somente — sem brilho
o homem sem noite, o eterno vagabundo das coisas,
desperta com uma branca atitude
sobre o corpo da grande messalina

E depois sem fremir o pulso cadente
arrasta seus cabelos até ao infinito da angústia

Seus lábios permanecem perdidos
e seu olhar sem cor, vago, sem ar,
perscruta a pequena mancha dos seus seios

Quer uma monção que o arraste de tudo
e que permita no seu tempo
a conquista infinita — sem destino
do corpo branco sem mistério.

Pedra por pedra, compassadamente,
ergue a tribu Rama a sua pirâmide de tabus.
No afã — primeiro chave do sono —
fabrica o filtro da embriaguez perene

Na ossatura do infinito trofeu
mira-se o primeiro juiz com reverência de justo
e veículo sagrado dos saudáveis imperativos
e pronunciam-se todos os videntes e profetas
Primeira grillheta para o infantário-reformatório
Primeiro espaço sulcado pela proporção equilibrante.

— Lá a angústia amanhecendo intui a magia
e concebe o primeiro homem-constelação —

POEMA

A noite está líquida oclusa vegetal
é um corpo longilíneo e desmembrado
flui como um rio de si mesmo alheio
flui e envolve presagiando cárceres
a noite tem hoje uma altitude especial
com aves negreando lentamente
neste desintegrar-se de memória

e eu sou uma alucinação rítmica
com um tempo corpóreo a devorar
um mar excessivamente quieto na cabeça
excessivamente muscular e lúcido

a noite distribui pedaços de lua
aos farrapos na inconsciência dos prédios
sobre a cidade a cidade a cidade louca
que desvairou nas minhas mãos nos dedos
possuída de um candelabro antigo a partir-se
um lampadário cristalino e rutilante
a quebrar-se com súbitos estilhaços pela noite fora

viajo nitidamente pelo passado
na organização de um jogo de perigo:

o meu amor é a aquisição de uma técnica
um processo de transformação dos corpos
a prospecção dramática dos ritos
uma queda livre e vertical
um olhar imóvel sobre o mar
a oferta do tempo sem comércio nem ódio
fibra a fibra
do tempo crivado de buracos baleado
assassinado corrupto perdido

o meu amor é correcta magia dos sons
a ultrapassagem da noite
fulminante e arrebatada num círculo de fogo
coberta de engenhos de destruição
correndo extensamente sem peso

o meu amor é uma trovoadas nas margens da noite
uma proposta veinulada a sangue
patrocinada pelos mortos deambulantes
e é ainda a carcassa húmida dos barcos
destroçados n'areia

a noite é um coral magnífico na noite

QUASE 3 DISCURSOS QUASE VEEMENTES

1

Eram enormes, tentaculares, e à sua passagem a noite ficava dividida ao meio: num lado eram lançados os velhos e as crianças, no outro os corpos dilacerados dos amantes.

Contudo, podia-se escolher. Os generais tinham providenciado nesse sentido, mantendo abertos ao longo das avenidas, grandes postes de abastecimento para suicidas. Havia quem se suicidasse escrevendo um poema, como havia quem se suicidasse olhando simplesmente para o mar. Qualquer coisa flutuava, a certas horas, ao redor das bocas, e era sangue ou labaredas, nunca se sabia bem. Era às vezes uma flor na boca duma criança.

Uma noite uma mulher estendendo os braços para o horizonte, lançou de súbito um grito lancinante: AVIÕES! Mas era apenas um bando de gaióvas e a mulher teve de ser enforcada. Tais enganos constituíam segredo de Estado.

É certo que não havia presos políticos. A política tinha sido abandonada por todos, estava reduzida a um montão de cabeças petrificadas.

A caça aos ratos, única fonte de sabedoria, tornara-se quase geral. Mas era preciso apanhá-los vivos. Então extraíam-se cuidadosamente as entranhas com o auxílio de pinças, e aos olhos fascinados dos estudiosos patenteava-se, naquelas formas horríveis e sangrentas, tudo o que restava dos discursos de Zaratustra ou de Alice no País das Maravilhas.

Era no tempo em que os generais falavam: passavam bicicletas arrastando cabeleiras e logo a seguir ao armistício houve o suicídio em massa dos órfãos do Soldado Desconhecido. Apareciam e desapareciam coisas. Aparecia de vez em quando o rapaz do trapézio voador, desaparecia a horas mortas, entre os lençóis, uma grande guerra de corpo contra corpo.

Mais ou menos por essa altura a descoberta pelos astrónomos dum sapato na aurora boreal lançou o país em discussões verdadeiramente académicas, que os fabricantes de calçado aproveitaram para lançar no mercado um novo modelo de patriota: o Patriota Pneumático. Funcionava assim

2

Falámos tanto ou tão pouco que de repente o silêncio que se fez foi essa patada no peito de que guardamos a marca quando agora choramos, quando estendemos as mãos carregadas de dedos mortos, sonhámos tanto que mais de uma vez tivemos de matar, que mais de uma vez nos estoiraram os olhos sob a pólvora das lágrimas e as tuas mãos voaram estilhaçadas, jogámos tanto que para não nos perdermos arriscámos tudo, até tornarmos a morte uma coisa nossa, tão nossa, que é ela que anda agora vestida com a nossa pele e os nossos ossos, escorregando pelas paredes de cabeça pr'a baixo ou subindo pelo interior dos

bicos, olhando do alto o sangue que ficou no centro, entre os carris, passando de cadafalso em cadafalso com os lábios furados pelas unhas, com a cintura roxa das dentadas da noite, da miséria dos dias.

.....

3

Roda de todas as torturas e todas as seduções, deixaste de girar, estás agora aqui, partida, abandonada no próprio local do sangue; transportada de homem em homem através dos séculos, foste há pouco deposta pelo último homem, esse que desapareceu, ia de lado, com os joelhos duros cobertos de água e as mãos cem metros à sua frente em sinal de maldade. Corpo a corpo foste gasta até à última noite e até à última estrela; palavra a palavra foste sugada e bebida e de todos os lados sempre novas bocas chegavam para te sugar e beber; ficaste um gesto que perseguimos à dentada e acabámos por matar. Vêde: a destruição prossegue docemente. Restam apenas aqui e além algumas cidades com os seus milhões de almas e nada mais. Pequenas marcas de sangue cada vez mais vivas assinalam a nossa passagem entre as agulhas de carvão do tempo. Canhões ocupam a entrada da luz. E de Norte a Sul, de Este a Oeste, de criança para criança, aguarda-se o sinal de fogo.

Não estranheis os sinais, não estranheis este povo que oculta a cabeça nas entranhas dos mortos. Fazei todo o mal que puderdes e passai depressa.

.....

António José Forte

Carta ao «Diário Popular»

Lisboa, 17 de Abril de 1959

Senhor Director

Num artigo polémico do Sr. João Palma Ferreira contra o Sr. Afonso Cautela, publicado no «Diário Popular» de 16-4-59, bem como anteriormente num ensaio crítico do Sr. Afonso Cautela publicado no «Diário de Notícias» e em outros artigos de crítica ao meu livro **LUZ CENTRAL**, fui englobado num sistema onde circulam **A PLANÍCIE**, o «57», a minha geração, a geração de 1870, Carneiro Pacheco, o Ocultismo, uma juventude que escorrega em cascas de melão e não repara na cara dos transeuntes, e onde entre muitas outras e variadas coisas me são atribuídas as qualidades de surrealista lírico, de hábil «jongleur» intelectual, de discípulo de André Breton e de Raul de Carvalho e, finalmente, de criador duma nova escola literária: o «fotosferismo».

Ainda de acordo com esse sistema, no supracitado artigo que renova o português despique entre a cidade e as serras, o Sr. Palma Ferreira oferece dinheiro a quem encontrar no meu livro coisas que o Sr. Afonso Cautela garante que lá estão.

Viva o Torreense, Senhor Director.

Agradecendo-lhe a publicação desta carta, pedia-lhe o favor de dizer ao Sr. João Ferreira que não seja titaúcha. Por intermédio do seu jornal, desejava também pedir aos restantes trabalhadores de Arte portugueses que trabalhem mais a fim de ter juízo e deixarem de ser artolas.

E creia que, mesmo neste tempo miserável, sou tanto quanto é possível atento e obrigado

ERNESTO SAMPAIO

Nota: — A publicação desta carta foi recusada pelo «Diário Popular».

Letra para uma música em voga

Para a Maria Luísa

o céu apátrida drapeja
toda a noite um cadáver platinado
ofereci círios às almas para não ser esse cadáver platinado
e é no entanto por mim que chamam as dáleas, se tropeja

vem namorada Peço socorro aos teus cabelos
Luísa é meu destino e eu estou intacto e outro
viaja em meu destino um vegetal de estrelas
e este meu desemprego é um aqueduto de ouro

ignoro a rua onde Luísa moras
lá onde a minha ausência se esconde envergonhada
de ver o teu corpo atravessado de horas
teu rosto de surpresa tumulada

(o cadáver platinado escreve isto a giz:
corro o risco de morrer embarcado
ah como é bom ter sonhos no mercado
e um afecto em qualquer parte do país)

vê; é o meu retrato de horror, vestido de caqui,
estou muito bem, estou tal e qual, nadando em seco.
E tu és a minha namorada porque enfim eu sei que o
poeta precisa de uma Anabel Lee

vem mesmo assim, viajante de um sopro,
flor ou estátua iluminadamente

tremes na pedra aberta do meu corpo
nome de morte e de semente

(o cadáver: «se eu apagar a luz
surgem reis magos brancos de fome
foram canários num circo em Queluz
e são as três sílabas do teu nome»)

um anel de brisas brancas
deponho em tuas mãos inclinadas e frágeis
e encosto o meu destino à flor das tuas ancas

ensinai-me o futuro ó deuses fatigados
sóis volvidos aragens
oráculos e pólipos do arco do ar
verdes de ninguém ver

dizei-me do futuro
serão tudo viagens
ó nervos do escuro
ensinai-me a viver

A PIRÂMIDE & a crítica

Conheço tão mal Carlos Loures e Máximo Lisboa, os organizadores desta colectânea, que não me atrevo a dizer deles toda a simpatia que me merecem dois jovens que se propõem à Literatura dispostos a fazer alguma coisa de sério e de desinteressado.

De facto, havia no n.º 1 da PIRÂMIDE uma novidade, que deve desde logo salientar-se: acarretando as estupendas chatices, despesas, arrelias e até perigos que dá montar, em Portugal, qualquer revistinha literária, das mais modestas, Carlos Loures e Máximo Lisboa não se incluem a eles-mesmos no sumário, onde no entanto brilham nomes famosos como Mário Sá-Carneiro e Raul Leal, não fazem da PIRÂMIDE a engraçadíssima e esclarecedora manobra de muitas outras folhas de poesia e prosa, onde está-se mesmo a perceber que os consagrados vêm a capítulo, não por afinidades estéticas ou ideológicas, ou reverência de admiradores, ou sequer por epigonismo (inconsciente? consciente?) de discípulos, mas para que na portaria figurem, de cambulhada, um Egito Gonçalves ao lado de José Gomes Ferreira (A SERPENTE), um José Terra ao lado de Jorge de Sena (ARVORE), um António Carlos ao lado de Manuel Bandeira (CASSIOPEIA)... Tentativa es-

pertalhona, para comer as papas na cabeça do público, o eterno enganável.

Outra virtude ainda: também, como é invulgar, a PIRÂMIDE não sacrifica aos tutores da Hora (que dão bons empregos), nem aos mestres da Faculdade (que facilitam as teses), nem aos escritores mais velhos (que apadrinham nos prefácios), nem aos conselheiros das editoriais das massas (que conseguem muitas traduções para os seus meninos). Que tudo isto são maneiras nacionais do Poeta chegar ao Almoço.

Nesse 1.º caderno, a PIRÂMIDE fala, com respeito, num Poeta, mas é dum Morto que ela fala; publica, sem medo, um inédito de Raul Leal, mas é esse um Autor condenado a significativo silêncio, um perseguido, que só os «malucos do Gelo» se atrevem a homenagear com a polícia à vista.

Não andem as pessoas tão distraídas que não reparam no que isto representa. Nem nos julguem a nós tão distraídos que não sabemos destringir onde vai a gula do juvenzinho prometedor e irreverente, o seu amor pelas letras, por tudo quanto é belo e digno, pela poesia, sim, pela poesia: — *vai direitinho* a um gancho social, que às vezes não estamos logo a ver, demora tempo, mas sempre aparece, porque o juvenzinho não desiste e a poesia, o inconformismo, não estão lá para outra coisa.

Passou a PIRÂMIDE, como se esperava, para a secção «Papel Impresso» dos grandes diários, onde se faz referência a tudo o que cai nas redacções: *livros de poemas, Boletim «Shell News», calendários da Phillips, agendas, roteiros do Waggon-Lits...* É uma vala-comum da indústria tipográfica, em que sem dar por isso mas com inteira justiça, ficam enterrados também os escribas funcionários dos periódicos. Mas, e em lugar de destaque, a PIRÂMIDE mereceu duas vezes a atenção da grande Imprensa: no «Jornal de Notícias», de 23 de Abril, e no «Diário de Notícias», de 14 de Maio. Bom sinal! Sinal certo de que a PIRÂMIDE *dizia coisas...*

Como João Gaspar Simões, na sua *tribuna pessoal* do «Diário de Notícias», aproveitou a crítica à PIRÂMIDE para ajustar velhas contas comigo, reservo para outra altura e outro lugar a resposta devida, num texto em que trabalho activamente, de manhã e de tarde: CARTA NÃO MUITO ZANGADA A JOÃO GASPAS SIMÕES.

Nem me atreveria a ocupar este espaço com o que se poderia entender *pro domo mea*. Mas convém registar uma coisa:

«Tínhamos um sonho a que dêramos a vida. Sem dinheiro, nós e só nós, editores, directores e administradores, nós e só nós, dobrando, estampilhando e cintando cada número da revista, para, depois, em grandes maços, carregarmos com ela até à estação do correio, conseguimos manter anos e anos essa «folha de arte e crítica» de que ainda hoje se fala e de que se falará ainda durante muitos anos», assim recorda João Gaspar Simões, a fundação da «Presença», num artigo publicado na revista «Turismo» (n.º 56, 1944), quando os quarenta anos lhe começavam a dar o direito de falar do passado, quando atingiu o meio caminho da vida (palavras suas). Registemos: é o mesmo escritor que tão carinhosamente perpetua os anseios da sua juventude, e os trabalhos de ideal em que a ocupou, que não tem uma palavra de incitamento para quem começa, igualmente sem dinheiro, igualmente obrigados a colar selos, carregar embrulhos, etc. e etc. Uma palavra de simpatia, ao menos. De camaradagem. De experiência. Era tão fácil fingir...

Razão tinha João Pedro de Andrade quando escrevia, na

«Seara Nova» (n.º 938, de 1945): «os homens da «Presença», dispersos, desavindos, transformados pela idade, com tendência a tornarem-se um pouco aquilo que combateram...» Estamos daqui a ver os *progressos do caruncho*.

E vamos ao crítico do Porto. Despachemos já este senhor,

Chamar a Polícia ou o Colete de Forças, como faz o crítico nortenho, não são também maneiras de tratar uma revista literária e o senhor Ramos de Almeida repete, agora, com evidente aze-lhice, a gritaria do Dantas logo à saída do «Orpheu». Se como disse José Carlos Gonzalez, em carta publicada no «Jornal de Notícias», de 14 de Maio, «não é lá por o senhor Almeida chamar a polícia, que ela aparece mais depressa», ficámos desde já a saber o que o Almeida faria se, em vez de andar pelas ruas e calçadas do Porto, tivesse cadeira no Governo Civil.

Não por acaso, porque este senhor é o Campeão da Asneira, Mondego para riba, o dr. Almeida escrevia nesse mesmo dia e nesse mesmo jornal, um dos seus habituais fundos, verdadeiras queijadas de

Ah. Mas então a pirâmide existe?

Ah. Mas e então a pirâmide dizia coisas?

(LÓGICA DO CAFÉ ROYAL, adapt.)

baboseiras. Ora vamos ler, com toda a atenção:

Este Minho verde, emoliente, doce, dengoso, constantemente cortado de pequenas quedas de água, ribeiros e rios, já não concebe mais adjectivos, metáforas, tropos, descrições.

Na instrução primária é tema obrigatório de redacção, que todos nós começamos mais ou menos assim: **O Minho é a mais linda província de Portugal...**

E é. Já várias vezes tenho dito e escrito que o lugar comum é quase sempre verdadeiro, à força de verdadeiro é que se torna banal.

Mas o grande mês do Minho é o Maio, mais do que Setembro ou Outubro, os das vindimas e das colheitas: das melhadas, das esfolhadas, das espadeladas. O mês do Minho é o mês das flores, não os dos frutos. A paisagem natural é tão linda, que não deixa ver a paisagem humana: passa despercebida.

Tanto disse-me o meu amigo, jovem jornalista francês enquanto o carro deslizava entre os trepedeiros de rosas que ladeavam a estrada.

É um jardim, afirmava Yvonne, nossa companheira de viagem, sem receio de ser acaciana, até porque nunca tinha lido qualquer livro de Eça de Queirós.

Indiquei-lhe o perigo da frase, comparei o nosso Conselheiro Acácio ao seu universalmente célebre Mr. de La Palisse, acabei por lhe promover um romance de Eça, o nosso Flaubert, e o meu livro sobre o romancista dos «Maias», que Gaston já conhecia

por o ter lido no Brasil, em oferta que lhe fora concedida por um escritor-diplomata, nosso amigo comum que foi cônsul no Porto.

Mas o «local» não era para «literatices», a Beleza do Minho continuava lá fora a exibir-se, a espreguiçar-se, flagrante e exuberante, excessivamente verde para lá das cachoeiras de rosas que rodeavam a estrada.

Depois, do Alto Minho descemos à beira mar, mas a mesma beleza verde continuava, insistia, agora limitada pelo azul do mar e do céu, como se fosse uma moldura de quadro.

Para mim aquela paisagem é familiar, conheço-a como as minhas mãos, sei de cor os seus pormenores e acidentes, mas para os meus companheiros deslumbrados, era original.

O carro parou com um furo. Enquanto Gaston o foi remediar, Yvonne apanhou um ramo de rosas bravias de Portugal, rosas de Maio das nossas estradas do Minho...

Aquela volta rápida, tinha-lhes proporcionado um espectáculo único, segundo me disse depois Gaston no seu português mascavado, ao despedirmo-nos já em plena Praça da Liberdade, sob a égide simbólica de D. Pedro IV: marcial, imponente, com o seu quê de provinciano e triste, àquela hora crepuscular do entardecer.

Para mim foi o regresso de mais uma volta ao Minho. Talvez a vigésima, ou mesmo a trigésima. São sempre diferentes e sempre iguais.

Lembro-me de ter feito uma delas com José Lins do Rego, o grande romancista do Brasil, que a morte tão injustamente já levou (...).

...a morte levou *injustamente*????!!! Ó velhinho, isso é demais! A morte não anda aí *por nada*. Faz a sua obrigação e nalguns casos queima-nos a paciência. Mas **INJUSTAMENTE!** Damos-te, para meditação e exemplo, uma lista de *mais* 10 espécies de mortes injustas célebres (*veja quadro anexo*). E outras, humildes, mas não *menos injustas*: os milhões de judeus que o Hitler mandou torrar nos seus progromes (esta razão nos semitas aparece aqui especialmente dedicada ao espírito progressivo do dr. Almeida) ou, por exemplo, a minha irmã Maria Luísa, nado-

NOME DO MORTO	ACTIVIDADES	ANO	CAUSA DO PASSAMENTO
Abel	pastor de ovelhas	? AC	morre injustamente por invejas de Caim
Sócrates	conversador de mérito	399 AC	id. id. tomou, por engano, uma poção venenosa (versão dos jornais portugueses da época)
Fernão de Magalhães	circumnavegador	1521	id. id. xenofobia dos indígenas das Malucas
Marquês de Pombal	ditador português das esquerdas	1782	id. id. O Desgosto da Pátria
Napoleão	anti-revolucionário francês	1821	id. id. raiva aos ingleses
Dona Carlota Joaquina de Bourbon	Rainha e Mãe de Reis	1830	id. id. acessos de volúpia em que prostituiu o tálamo e a coroa (diagnóstico de Oliveira Lima)
Pina Manique	negócio de rolhas	actualid.	id. id. insuficiência cardíaca?
Gungunhana	precursor de Sekou-Touré	1906	id. id. Saudades da Pátria
Leiba Davnidov Bronstein	agitador de pera e cabeleira	1940	id. id. à enxadada, no México
Laika	siberiana	1956	id. id. vítima da astronáutica (*)

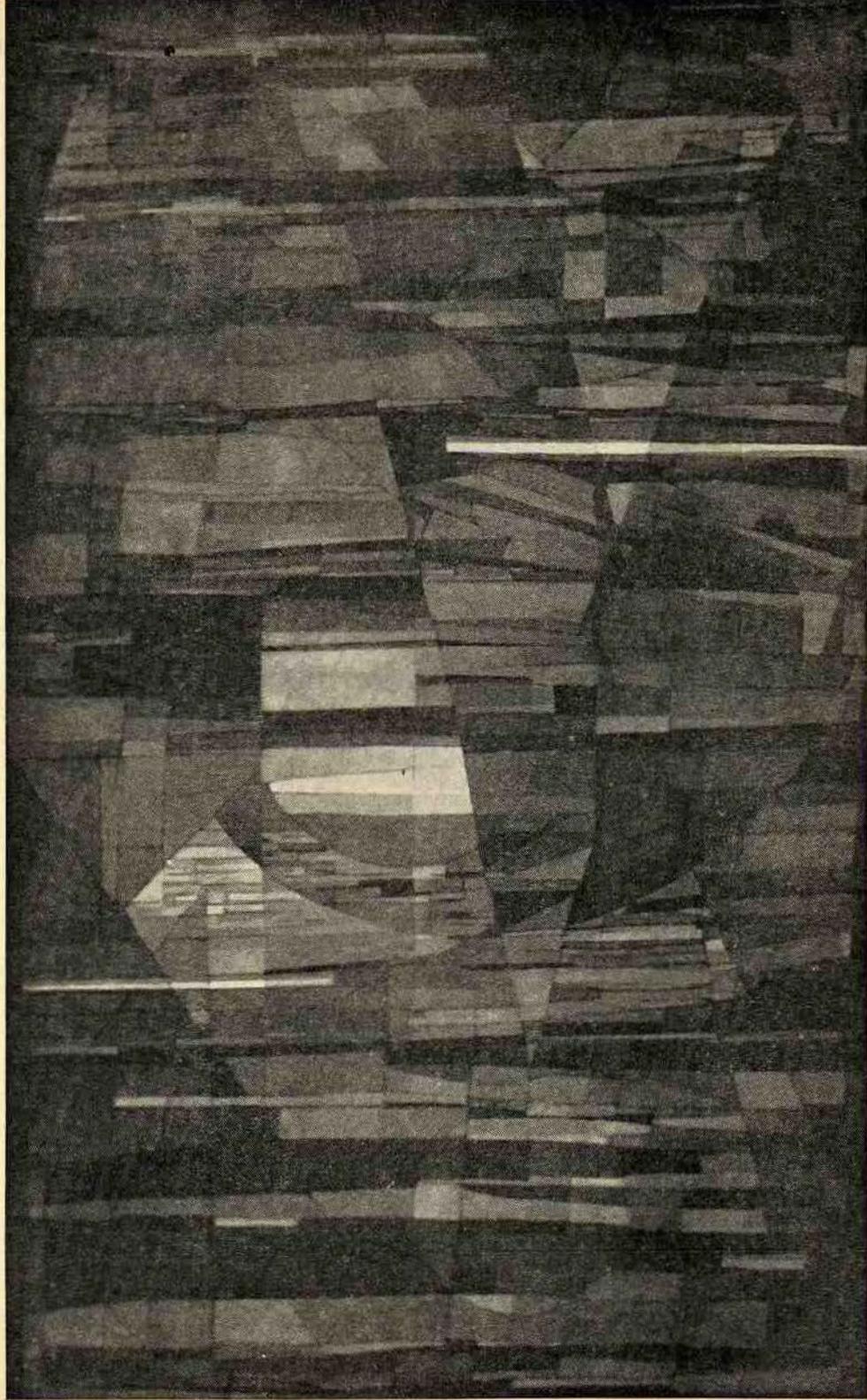
(*) Refere-se esta morte, não por snobismo cínico, mas pelos milhões de lágrimas (de crocodilo) que fez chorar à imprensa que se lê a morte do bichinho, trapaça da última hora para disfarçar «outras» lágrimas. As que fazem assim: xi-xi-xi os foguetões enrascados do Cabo Canaveral.

-morta em 1923, acontecimento de importância capital na vida do Autor desta nótila, que por isso teve de ser filho-único (*), o que sendo um lugar-comum é também verdadeiro, e à força de ser verdadeiro quase se torna banal, suponham, por exemplo, que a Maria Luísa vinha a casar com o escritor-diplomata, nosso amigo comum que foi cônsul no Porto, e que na sua vigésima quarta ou trigésima nona viagem ao Alto Minho, num local que não era para literatices, à beira mar, apanhava um ramo de rosas bravias de Portugal, rosas de Maio das nossas estradas do Minho, onde a paisagem natural é tão linda, que não deixa ver a paisagem humana: *passa despercebida*, tanto disse-lhe o seu amigo, jovem jornalista francês enquanto o carro deslizava entre as trepadeiras de rosas, logo a seguir tinha um furo, e já em plena Praça da Liberdade, sob a égide simbólica de D. Pedro IV: marcial, imponente, com o seu quê de provinciano e triste, àquela hora crepuscular do entardecer, ela gritou, no seu português mascavado: *Gaston!*...

.....
CONCLUSÕES da crítica à Crítica: enquistados em tribunas que não merecem, desactualizados na cultura e nos interesses, ou ainda indiferentes ao juízo dum leitor, já de há muito caído na apatia e na raiva com que lê os comunicados da ANI, alguns dos nossos escritores *progressivos* não desistem de tocar na lata às gerações mais novas. A Grande Imprensa acolhe-os com benevolência, assim explicável: *um nome faz-lhe jeito na 1.ª página e as ideias da prosa não a assustam*. Que lhes preste a uns e outros. Mas não julguem, uns e outros, que lhes ficamos por isso agradecidos

LUIZ PACHECO

(*) Acelerar a leitura, até ao grito final da personagem. Depois, pausa.



AVISO AOS DISTRAÍDOS

A PIRÂMIDE anuncia o reaparecimento de TEMPO PRESENTE e aconselha a sua leitura às seguintes personalidades:

Almada Negreiros, Raul Leal, José Régio, Miguel Torga, Branquinho da Fonseca, José-Augusto França, António Pedro, João Pedro de Andrade, Alfredo Margarido, João Gaspar Simões, Domingos Monteiro, Artur Bual, António Quadros (pintor), António Quadros (57), Luís Francisco Rebello d'Assunção, Manuel Cargaleiro, Costa Ferreira, Vitorino Nemésio, Manuel de Lima, Sofia de Mello Breyner, Urbano Tavares Rodrigues, Jorge de Sena, David Mourão Ferreira, Romeu Correia, José Marinho, Santiago Areal, Orlando Vitorino, António Ramos de Almeida, etc.

COLECÇÃO

A ANTOLOGIA EM 1958

VOLUMES PUBLICADOS:

ALGUNS MITOS MAIORES ALGUNS MITOS MENORES PROPOSTOS À CIRCULAÇÃO PELO AUTOR — Mário Cesariny Vasconcelos.

EXERCÍCIO SOBRE O SONHO E A VIGÍLIA DE ALFRED JARRY, seguido de O SENHOR CAGADO E O MENINO — António Maria Lisboa.

FESTA PÚBLICA — Virgílio Martinho.

CARTA-SINCERA A JOSÉ GOMES FERREIRA — Luís Pacheco.

POESIA DE ARTE E REALISMO POÉTICO — Natália Correia.

★

VOLUMES A PUBLICAR:

O CADÁVER ESQUISITO

NA SUA BREVE PASSAGEM PELA CIDADE

Desenho e textos automáticos colectivos de: Alexandre O'Neill, António Domingues, António Maria Lisboa, António Pedro, Calvet da Costa, Cruzeiro Seixas, Fernando de Azevedo, Henrique Risques Pereira, Herberto Helder, João Artur Silva, João Rodrigues, Jorge Vieira, José Sebag, Maria José, Mário Cesariny, Mário Leiria, Pedro Oom e S. W. Taylor.